



I ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

MATEMÁTICA INCLUSIVA



A inclusão de um aluno com TEA nas aulas de Matemática: as vozes dos envolvidos

Roberta Caetano Fleira¹

Solange Hassan Ahmad Ali Fernandes.²

O artigo busca compreender o sentido que dois alunos que estudam com um aprendiz com TEA, o professor de Matemática e a professora Auxiliar do aluno atribuem ao termo inclusão e analisar as práticas que todos os envolvidos utilizam nas aulas de Matemáticas para contribuir com o aprendiz. A coleta de dados foi realizada através de entrevista estruturada gravada em áudio e a metodologia adotada foi o estudo de caso. Nesse estudo, a concepção de inclusão aparece em duas formas: como processo e como produto. Nossa proposta foi a partir das transcrições das entrevistas, e por meio da análise do discurso como proposto por Gee (2001), analisar as crenças epistemológicas e as ações pedagógicas desencadeadas no ambiente escolar para fazer a inclusão do aluno com TEA. Os resultados permitiram perceber que mesmo em diferentes graus, os quatro participantes contribuíram para a aprendizagem do aluno, acreditando no potencial do aprendiz, indiferentemente da especificidade.

Palavras-chave: Discurso; Educação Inclusiva; Transtorno do Espectro Autista; Educação Matemática.

Introdução

A inclusão escolar é uma das dimensões da inclusão social só alcançada se garantida por meio da promoção da acessibilidade à educação com qualidade, bem como aos outros direitos fundamentais (BASTOS, 2019).

Inclusão em educação pode ser vista, dessa forma, como um processo de transformação de valores em ação, resultando em práticas e serviços educacionais, em sistemas e estruturas que incorporam tais valores. Podemos especificar alguns deles, porque são parte integral de nossa concepção de inclusão; outros podemos identificar com um razoável grau de certeza, com base no que aprendemos a partir de experiências. Isto significa que a inclusão só poderá ser totalmente compreendida quando seus valores fundamentais forem exaustivamente clarificados em contextos particulares (AINSCOW, 2009, p.21).

A Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, na qual se ampara a Lei no 12.764/2012 na perspectiva dos direitos humanos, garante às pessoas com TEA – Transtorno do Espectro Autista, o direito à inclusão e à proteção do Estado contra a violação de seus

¹ Universidade Anhanguera de São Paulo – UNIAN, e-mail: robertafleira@hotmail.com.

² Universidade Anhanguera de São Paulo – UNIAN, e-mail: solangehf@gmail.com.



I ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

MATEMÁTICA INCLUSIVA



direitos e no enfrentamento de barreiras construídas em decorrência de preconceitos e da não aceitação de suas especificidades (BRASIL, 2013). Os estudos na área do autismo mostraram que a criança com autismo, mesmo com suas características próprias, interage, aprende e torna-se mais independente a partir do convívio com companheiros da mesma faixa etária, desde que a relação seja saudável (FLEIRA, 2016).

Neste artigo, nosso olhar estará voltado para a percepção de inclusão de dois alunos que frequentam a mesma sala de aula que um aluno com TEA e às crenças epistemológicas e práticas pedagógicas de dois professores, um auxiliar e o outro de Matemática, que atuam na Educação Regular, juntamente com o aprendiz. Analisaremos os discursos desses participantes. Diante desse contexto, é essencial que os profissionais envolvidos disponham de atenção e ações voltadas para atender as necessidades específicas desse aluno no ambiente escolar, juntamente com seus pares.

Os seres com Transtorno do Espectro Autista - TEA apresentam características comportamentais peculiares desde o início da infância. O uso do termo Espectro é devido à grande variedade de manifestações do transtorno, que dependem da condição de cada autista, do nível de desenvolvimento e da idade cronológica. O TEA engloba transtornos antes chamados de autismo infantil precoce, autismo infantil, autismo de Kanner, autismo de alto funcionamento, autismo atípico, transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação, transtorno desintegrativo da infância e transtorno de Asperger (APA, 2015 p.50).

Segundo Bosa e Camargo (2009), a inclusão de crianças com TEA no ensino regular é a base do desenvolvimento de toda e criança, pertencente ou não a esse público especial, pois possibilita a oportunidade da convivência com seus pares, estimula as capacidades interativas, habilidades e competências sociais, passíveis de serem adquiridas pelas trocas que acontecem no processo de aprendizagem social, desde que as peculiaridades de cada aprendiz sejam respeitadas.

Nessa perspectiva, acreditamos que as autorreflexões dos professores diante de suas ações e dos discursos com pares que compartilham do mesmo ambiente escolar que o aluno com

TEA, possam destacar aspectos importantes e fundamentais a respeito da inclusão de aprendizes com TEA.

O estudo e sua perspectiva metodológica

A metodologia adotada para esta pesquisa é o estudo de caso. De acordo com Ludke e André (1986, p.17), “o estudo de caso é o estudo de um caso, seja ele simples específico. O caso é sempre bem delimitado, devendo ter seus contornos claramente definidos no desenrolar do estudo”. Neste caso, nossa proposta é, por meio das falas de professores e alunos que vivenciam a inclusão de um aluno com TEA, compreender o sentido/significado que atribuem ao termo inclusão e analisar as implicações desses atributos em suas crenças epistemológicas e nas ações pedagógicas desencadeadas pelos professores em suas salas de aula para fazer a inclusão.

Para tanto, realizamos a coleta de dados por meio de entrevistas estruturadas gravadas em áudio, com dois colegas de sala, um professor de matemática e uma professora auxiliar que acompanha o aprendiz no ambiente escolar. As questões foram entregues a cada um dos entrevistados que gravaram suas respostas individualmente. Nosso propósito foi deixá-los o mais à vontade possível, garantindo liberdade para as respostas. Todas as entrevistas foram transcritas integralmente para posterior análise.

A pesquisa de Andrade, Anjos e Pereira (2009) propôs-se a analisar as falas de professores do município de Marabá, coletadas em entrevistas não estruturadas, na qual se faz a análise do discurso desses professores considerando aspectos relacionados ao sentido que esses atribuem a inclusão

[...] atentou-se para a descrição que eles fazem de si mesmos e de sua atuação, o lugar do outro, os sentimentos em relação ao processo de inclusão, as compreensões de deficiência, normalidade e inclusão, assim como as expectativas com relação à aprendizagem e ao desenvolvimento dos alunos (ANDRADE, ANJOS; PEREIRA, 2009, p. 116).

Nesse estudo, a concepção de inclusão por professores aparece em duas formas: como *processo* e como *produto*. Como *processo*, a inclusão implica tentativas, erros e acertos de todas as pessoas envolvidas (fruto da ação humana); ao ser definida como *produto* acabado (coisa dada), cabe às pessoas aceitá-la ou não (ANDRADE, ANJOS; PEREIRA, 2009, p.

120). Vale destacar que na primeira situação pressupõe-se a possibilidade de intervenção, de “mudar o estado das coisas”; o que não é possível na segunda forma.

Para esta pesquisa foram realizadas as seguintes perguntas: *Aos alunos*: I) O que você entende por autismo? II) Como foi a Inclusão do aluno autista na sala de aula? III) Você acha que ele foi incluído na sala/escola? IV) Como você realmente pode ajudar? *Aos professores*: I) Qual experiência anterior com aluno autista? II) Como foi a inclusão do aluno na sala/escola? III) Como são as aulas de matemática? IV) O aluno foi incluído no ambiente escolar? V) O que a experiência agregou em sua prática docente?

Nossa proposta é a partir das transcrições das entrevistas, e por meio da análise do discurso como proposto por Gee (2001), analisar as crenças epistemológicas dos quatro envolvidos e as ações pedagógicas desencadeadas por essas crenças na sala de aula do professor de Matemática que faz a inclusão do aprendiz com TEA, juntamente com a professora acompanhante e os pares.

Uma teoria e um método

A abordagem proposta por Gee (2001) para a análise do discurso é, nas palavras do autor, um método de pesquisa e uma “teoria sobre a natureza da linguagem em uso” (p. 5). De acordo com ele, construímos e reconstruímos nossos mundos não somente por meio da linguagem, mas ao associa-la a “ações, interações, sistemas de símbolos não linguísticos, objetos, ferramentas, tecnologias e maneiras distintas de pensar, valorizar, sentir e acreditar” (GEE, 2001, p.11).

Neste artigo, a partir das falas de dois professores que vivenciam o trabalho com um aluno pertencente ao público alvo da educação especial com TEA, juntamente com as falas de dois colegas de classe, buscamos por meio da análise do discurso, como proposto por Gee (2001), compreender o sentido/significado que atribuem a inclusão e analisar suas crenças epistemológicas e as ações que realizam para promover a inclusão dos seus “alunos/amigos especiais”.

A perspectiva teórica proposta por Gee (2001) envolve, entre outros, dois construtos: os “discursos grandes” (*Discurso*) e os “discursos pequenos” (*discurso*). Para ele, Discursos são

[...] diferentes maneiras em que nós humanos integramos linguagem com “coisas não linguísticas”, tais como diferentes maneiras de pensar, agir, interagir, valorizar, sentir, acreditar e usar símbolos, ferramentas e objetos nos lugares certos e nos momentos certos, para representar e reconhecer diferentes identidades e atividades, dar ao mundo material significados certos, distribuir bens sociais da maneira certa, fazer determinados tipos de conexões significativas em nossa experiência e privilegiar certos sistemas de símbolos e formas de conhecer os outros (ou seja, realizar todas as tarefas de construção acima) (Gee, 2001, p.13) (Tradução nossa).

Para o termo discurso Gee (2001) reservou o termo “linguagem em uso”, que associaremos a modelos de ação ou a operacionalização para certo Discurso, no nosso caso a inclusão, ou seja, “quando o discurso é fundido integralmente com “coisas” não linguísticas para estabelecer identidades e atividades específicas, temos então Discurso” (GEE, 2001, p.7).

Como mencionamos cada participante respondeu as questões e seguindo a proposta de Gee (2001) elaboramos e utilizamos as questões respondidas para adequar o método de análise ao nosso propósito de pesquisa. O ponto central para a análise foi definir como caracterizar o *Discurso*. Voltando ao texto de Gee (2001, p.12) verificamos que ele associa *Discurso* a “linguagem em ação” e a define como um processo de edificação ativo de construir ou reconstruir a “realidade”, engajando-se, identificando-se, conectando-se a sua história e a sua cultura e assumindo uma postura política. Para *discursos*, Gee (2001) associa a expressão “linguagem em uso”; assim, para caracteriza-los observamos nas transcrições das entrevistas proposições baseadas no significado e no sentido dos *Discursos* de inclusão. O primeiro passo foi estabelecer como apresentaríamos nossos resultados. Como feito por Andrade, Anjos; Pereira (2009), nós dividimos as falas analisadas em dois *Discursos* – *Discurso de inclusão como processo* (DIP) e *Discurso de inclusão como produto* (DIPR), que por sua vez são constituídos por *discursos* (d_1 e d_2) que ora estão centrados nos significados atribuídos a inclusão (d_1) ora relacionam-se ao seu sentido (d_2) categorizados como apresentamos na Tabela 1.

Tabela 1: Categorização empregada para análise dos discursos

Categoria	d_1	d_2
DIP	discurso da formação adequada	discurso de inclusão em relação a exclusão
	discurso da adequação do material	discurso de valorização da diversidade
	discurso de incluir ou excluir alunos com nee	discurso de identificação das habilidades
DIPR	discurso a respeito das características do TEA	discurso de intervenções de ensino
	discurso de inclusão em relação a exclusão	discurso voltado ao ensino para maximizar oportunidades para todos



I ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

MATEMÁTICA INCLUSIVA



discurso da dificuldade de socialização

discurso voltado ao ensino para valorizar a diversidade

Fonte: Elaborada pela autora

Nas transcrições, inicialmente grifamos de cores distintas os *Discursos de inclusão como processo* (DIP) e os *Discursos de inclusão como produto* (DIPR), e em uma segunda etapa elaboramos as categorias dos *discursos* (d_1 e d_2). Os d_1 são caracterizados por falas que sugerem padrões já estabelecidos socialmente (significados), já d_2 indicam vozes que manifestam ações que devem ser realizadas pelos envolvidos (sentidos).

Os pares, os professores e suas vozes

A escolha dos entrevistados se deu pelo seguinte critério: serem alunos que estudam em escola regular com um aluno pertencente ao público alvo da educação especial com TEA, que aqui chamaremos de Ian, além do professor de Matemática do aprendiz e da professora auxiliar. Optamos por utilizar nomes fictícios para os alunos – Vivian e Renato. E os professores, utilizaremos os termos: professor de Matemática e professora Auxiliar.

A instituição pública de ensino regular está localizada em Guarulhos, região metropolitana de São Paulo. Nosso estudo foi realizado no período matutino, em uma sala de 2ºAno do Ensino Médio. Vivian é colega de sala de Ian desde o 1ºAno do Ensino Médio. Renato estuda com o aprendiz desde o primeiro ano do Ensino Fundamental I em outra instituição de ensino. O professor de Matemática leciona acerca de vinte e cinco anos e nunca havia trabalhado com um aluno com TEA. A professora auxiliar atua há dezesseis anos no campo da educação e acompanha o Ian em tempo integral desde o final do 1ºAno do Ensino Médio. Nesse contexto, acreditamos que dar vozes aos pares, ao professor de matemática e a professora auxiliar, ou seja, enxergar por diferentes perspectivas, nos conduzirão ao cenário do Ian nesta Instituição.

A ideia de Inclusão do aluno autista

Ao analisar os discursos dos pares em relação a questão: *O que você entende por autismo?* percebemos que eles responderam de acordo com as características percebidas em Ian. Vivian, aluna que convive com o aprendiz no ambiente escolar há dois anos definiu: “...autismo, ele é um alto grau da inteligência humana... isso faz com que a pessoa tenha fases e fases”. Renato que estuda há muitos anos com Ian, entende que: “...é uma condição

crônica, que afeta principalmente o psicológico, do portador do espectro, que acaba trazendo dificuldades pra ele, principalmente pra socialização,... durante a infância, durante a adolescência, ele tem bastante dificuldade pra socializar e ser incluído ... nos ambientes escolares.” Os Discursos constituídos por discursos dos pares, mostram que a inclusão do educando com autismo, possibilitou uma percepção em relação as pessoas com TEA associada as características do Ian. De modo geral, esse público apresenta singularidades de natureza sensorio-perceptiva, emocional, socio afetiva e, algumas vezes, tem associadas dificuldades comportamentais e de aprendizagem no cotidiano escolar.

Analisando a questão: *Como foi a inclusão do aluno autista na sala?* é possível perceber um aspecto comum nos dizeres de Vivian e Renato, relacionado à importância da interação social de Ian na escola. Os discursos dos professores, nos possibilita compreender o processo e as possibilidades de inclusão no ambiente escolar. As entrevistas realizadas oportunizaram diferentes discursos, no entanto é possível perceber um aspecto comum nos dizeres dos professores relacionado à necessidade de adequação do material e do meio social no qual o aluno será inserido, características fundamentais para que o aprendiz pertencente ao público alvo da educação especial tenha melhor aproveitamento no cenário educacional.

Os quatro entrevistados apresentaram *Discursos* abordando os aspectos sociais, a necessidade de intervenções de ensino e a importância da inserção de todos os envolvidos no processo de inclusão, o que categorizamos como *DIPR*, com discursos d_1 (relacionados ao significado) e d_2 (relacionados ao sentido). É o que destaca os trechos das entrevistas:

Eu acho que a inclusão de um aluno autista na sala é superimportante pra gente saber diferenciar as diferenças das pessoas na vida... (VIVIAN).

No começo não tinha inclusão. Simplesmente não tinha, ele não era incluído em nada. Era exclusão social no ensino fundamental principalmente.... (RENATO).

Os professores pouco sabiam sobre o que de fato Ian apreendia durante as aulas. Embora não houvesse nenhum registro de bullying ou rejeição, o aluno não participava ativamente das aulas.... (PROFESSORA AUXILIAR)

É a primeira vez que tenho a experiência com um aluno autista, jamais lecionei ou ministrei aulas com um aluno com essa necessidade especial. O aluno foi incluído no ambiente escolar, mas principalmente pelos colegas da sala dele é que existe toda essa interação e inclusão com ele. (PROFESSOR DE MATEMÁTICA).

A interação com crianças de mesma faixa etária permite que os alunos com TEA vivenciem experiências de troca de ideias e de papéis, de negociação e discussão para a solução de conflitos. Nas atividades entre pares criam-se regras para a competição e colaboração

(BOSA; CAMARGO; 2009, p.66). Ao oferecer a todos a oportunidade de participar ativamente das práticas escolares, o professor valoriza a diversidade e pode identificar habilidades dos seus alunos. Ainscow (1999) argumenta que as escolas precisam de técnicas pedagógicas que possam responder positivamente à diversidade dos alunos, isto é, abordando as diferenças individuais não como problemas a serem consertados, mas como oportunidades para enriquecer o aprendizado (p.5).

Nas transcrições identificamos aspectos relacionados ao *Discurso* da inclusão enquanto processo - DIP, constituído de discursos (d_1 e d_2), nas vozes dos entrevistados ao responderem à questão, *Discursos* constituídos por reflexões sobre as ações inclusivas promovidas no ambiente escolar como os seguintes:

... mas depois que foi pro Ensino Médio, os alunos em geral tinham, têm a mente muito mais aberta, eu acho que isso facilitou bastante pra ele ser incluído na sala de aula. (RENATO).

Assumi a função de auxiliar do Ian em meados do mês de novembro de 2018 e poucas informações recebi a respeito do aluno...Desse modo, o pouco tempo que restava para finalizar o ano letivo, usei para criar um espaço de confiança, amizade e companheirismo com o garoto. (PROFESSORA AUXILIAR).

Os *Discursos* revelam *discursos* de inclusão em relação à exclusão.

Práticas inclusivas

A presença de alunos pertencentes ao público alvo da educação especial nas Instituições de Ensino traz à escola desafios no sentido de adequar-se, cada vez mais, para responder às demandas educacionais, que são ainda mais peculiares, no caso de aprendizes com TEA. Ainscow (2016) sugere que as escolas podem apoiar-se na necessidade de responder a diversidade de seus alunos para estruturar seu desenvolvimento e sua capacidade de trabalho.

Subjacente às nossas propostas está a crença de que as diferenças podem atuar como um catalisador para a inovação de maneiras que têm o potencial de beneficiar todos os alunos, quaisquer que sejam as suas características pessoais e circunstâncias domésticas (Ainscow, 2016, p.148) Tradução nossa.

A seguir compartilhamos trechos das entrevistas dos pares relacionadas às ações que adotaram na sala de aula para colaborar com Ian no ambiente escolar, ao responderem as questões: *Você acha que ele foi incluído na sala/escola? Como você realmente pode ajudar?*

Os discursos foram categorizados como *DIP/d₂*.



I ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

MATEMÁTICA INCLUSIVA



...é muito importante ter alguém diferente entre aspas, incluso na sala de aula e eu pude ajudar ele nas tarefas, sempre que ele precisava de ajuda, eu e a professora de apoio sempre estava com ele e era incrível a experiência de ter alguém autista na sala de aula, muda tudo!(VIVIAN).

Agora no presente momento no Ensino Médio, sim. Ele está sendo bastante incluído no ambiente escolar e em atividades extracurriculares, dando passeios até fora da escola, e isso é muito bom! Isso ajuda bastante no desenvolvimento pessoal tanto dele, quanto do restante da turma, e é bem favorável pra ambos os lados, né?

...acho que posso ajudar tanto na parte de comunicação, de inclusão...quanto na parte curricular, eu tenho bastante proficiência em matemática,..., eu acho que eu tenho a capacidade de ensinar isso pra quem precisa, de um modo mais simples e fazer com que realmente ele absorva esse conhecimento, que possa ser útil pra formação acadêmica dele no futuro ou no presente mesmo.... (RENATO)

Incluir crianças com autismo vai além de colocá-las em salas regulares, é preciso oferecer a elas aprendizagens significativas, capaz de desenvolver suas potencialidades, “constituindo, assim, o sujeito como um ser que aprende, pensa, sente, participa de um grupo social e se desenvolve com ele e a partir dele, com toda sua singularidade” (PLETSCH; LIMA, 2018, p.6).

As aulas de Matemática com o aprendiz autista

A diversidade e a personalização são elementos fundamentais que devem ser observados no sistema educacional, para que ocorra a educação e a inclusão de alunos com autismo (FLEIRA, 2016, p.24). Observando em particular o ensino da matemática escolar que segue o modelo tradicional e oferece padrões didáticos convencionais, percebe-se que este não consegue suprir as necessidades dos alunos com TEA ou mesmo daqueles com desenvolvimento típico.

Os *Discursos – DIP* envolvendo as práticas nas aulas de Matemática, proferidos pelos professores apresentaram *discursos* (d_1 e d_2) com reflexões e ações envolvendo novas ferramentas, a valorização da diversidade e a identificação das habilidades.

De imediato percebi a capacidade, a inteligência e as áreas de interesse do jovem... durante as aulas de matemática, quando estimulado pelos colegas de sala e em poder da calculadora, ele realiza as atividades propostas e tem alcançado um rendimento mediano, dentro de suas possibilidades. (PROFESSORA AUXILIAR)

Nas aulas de matemática, em determinados assuntos ele consegue realizar, utilizando-se de recursos como a calculadora, o auxílio da professora, e outras ele tem dificuldade que a gente procura amenizar da melhor forma possível. Em alguns momentos ele consegue resolver exercícios de forma bem satisfatória.... Em determinado conteúdo trabalhado... o desempenho dele foi melhor que muitos alunos. (PROFESSOR DE MATEMÁTICA)

Ao analisarmos os *Discursos* dos educadores, percebemos *Discursos – DIP*/ d_1 e d_2 , atribuídos à inclusão nas aulas de matemática, repletos de reflexões sobre as ações, em busca de sentido tanto para o aprendiz pertencente ao público alvo da educação especial envolvido,

como para os educadores e percebemos que valorizar as produções dos aprendizes e acreditar no potencial, indiferentemente da especificidade.

“Ao adotar a abordagem correta, podemos criar um novo mundo para nossas crianças deficientes. [...] a introdução de uma educação social que incentivasse as crianças deficientes a se tornarem trabalhadores socialmente valorizados eliminaria a ideia de defeito como um fato social na nova sociedade.” (VYGOTSKY, 1924. p.84 *apud* VEER; VALSINER, 2001, p. 78).

Analisando os *Discursos*, sob a perspectiva da Educação Inclusiva, acreditamos que o olhar especial focado nas habilidades e peculiaridades de cada indivíduo, pode promover a interação social e melhor rendimento na aprendizagem de todos os envolvidos por meio da mediação do professor e de diferentes práticas pedagógicas.

Considerações Finais

Ao darmos vozes aos quatro entrevistados e analisarmos os *Discursos*, percebemos que todos acreditam no potencial para aprender do aluno. Em alguma medida o *Discurso* revela uma faceta da inclusão vista como um produto (*DIPR*) social com *discursos* (d_1 e d_2), ou seja, *Discursos* nos quais a Inclusão é *Produto* – em outras apresentaram *Discursos* como um processo (*DIP*) social com *discursos* (d_1 e d_2), que ao analisarmos, notamos que as práticas pedagógicas desenvolvidas em sala foram fruto de reflexões na perspectiva de aprimorar e fazer melhor do que o proposto pelo sistema educacional. As falas registram suas crenças na capacidade de aprender do aluno e respeitam suas formas de expressão.

E também acho importante ressaltar o fato de ter um professor auxiliar, juntamente com o aluno autista ... Pode ajudar bastante no desenvolvimento intrapessoal do aluno e também interpessoal com outros alunos... (RENATO).

Atualmente posso afirmar que ele está inserido tanto na sala de aula quanto na " comunidade" escolar... Inclusive, ele quer diminuir seu nível de timidez e dificuldade em se comunicar. É o desafio que temos pela frente (PROFESSORA AUXILIAR).

A experiência em trabalhar com um aluno com essa necessidade especial, realmente me faz refletir o quanto preciso aprimorar a minha forma de trabalhar com alunos dessas necessidades, mas com certeza é uma experiência gratificante e que realmente necessita de rever...vários conceitos pra que possa ser um professor melhor , que possa contribuir para o desenvolvimento dele (PROFESSOR DE MATEMÁTICA).

- A inclusão é um processo. (...). Trata-se de aprender a viver com a diferença, e, aprender a aprender com a diferença. (...).
- A inclusão preocupa-se com a identificação e remoção de barreiras. (...). Trata-se de usar evidências de vários tipos para estimular a criatividade e a resolução de problemas.
- Inclusão é sobre a presença, participação e realização de todos os alunos. (...)

• A inclusão envolve ênfase particular nos grupos de alunos que podem estar em risco de marginalização, exclusão ou falta de desempenho. (...)

(Ainscow, 2016, p. 147)

Consideramos que as escolas inclusivas são aquelas que percebem a diversidade como um fator de enriquecimento do ser humano e do processo educacional. Apesar das leis, das ações e dos movimentos sociais, estamos todos aprendendo a lidar com a diversidade que, de repente, “revelou-se”, e reconhecer que a configuração da sala de aula atual não é a idealizada pela literatura e pelos documentos é um primeiro passo (FERNANDES, 2017). Acreditamos que este artigo possa colaborar com os professores que atuam na educação inclusiva com alunos autistas e que os discursos inspirem reflexões acerca das práticas pedagógicas desses educadores.

Referências

- AINSCOW, M. **Understanding the Development of Inclusive Schools**. Londres: Falmer, 1999.
- AINSCOW, M. Tornar a escola inclusiva: como essa tarefa deve ser conceituada? In: FÁVERO, Osmar et al. (Org.). **Tornar a educação inclusiva**, Brasília: UNESCO, 2009. (p.11-23).
- AINSCOW, M. **Diversity and Equity: A Global Education Challenge**. New Zealand Journal of Education (2016).
- ANDRADE, E. P.; ANJOS, H., P.; PEREIRA, M. R. **A inclusão escolar do ponto de vista dos professores: o processo de constituição de um discurso**. Revista Brasileira de Educação 14 de abril de 2009, Disponível em:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27504010>> ISSN 1413-2478. Acesso em; 05 de mai. de 2019
- APA - American Psychiatric Association - **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5** / tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento, et al; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli [et al.]. – 5. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2014.
- BASTOS, R. P. **Ações, relações e sentidos produzidos pela comunidade escolar sobre o processo de inclusão da criança com TEA**.2019. 154f. Dissertação (Mestrado em Psicologia: Processos Psicossociais) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.
- BRASIL. **Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas, Linha de cuidado para a atenção às pessoas com Transtornos do Espectro do Autismo e suas famílias na Rede de Atenção Psicossocial do SUS / Ministério da Saúde**. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Disponível em: <http://www.autismo.org.br/site/images/Downloads/linha_cuid_autismo.pdf>. Acesso em 05 de ago. 2019.



I ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

MATEMÁTICA INCLUSIVA



- BOSA, C. A.; CAMARGO, S.P. H. Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura. *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, v. 21, n.1, p. 65-74, 2009.
- FERNANDES, S. H. A. A. **Educação Matemática Inclusiva: Adaptação X Construção**. Revista Educação Inclusiva. REIN, v. 1, p. 78-95, 2017
- FLEIRA, R. C. **Intervenções pedagógicas para a inclusão de um aluno autista nas aulas de matemática: um olhar vygotskyano**. 2016. 136 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Instituição de Ensino, Universidade Anhanguera de São Paulo, São Paulo, 2016.
- GEE, J. P. **An introduction to Discourse Analysis, Theory and Methods**, Routledge, New York, 2001.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GUERREIRO, E. M. B. R. **Acessibilidade e a educação: um direito constitucional como base para um direito social da pessoa com deficiência**. Rev. Educ. Espec., Santa Maria, v. 25, n. 43, p. 217-232, maio/ago. 2012. Disponível em: <http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial> Acesso em: 04 de mai. de 2019.
- LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E.D. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 1986.
- MOLIN, L. M. A.; AZEVEDO, C.L.; MARCHESAN, M. T. N. **A construção da interação, identidades e atitudes na conversação: uma co-construção por meio de escolhas lexicais**. Linguagens & Cidadania, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LeC/article/view/25508>. Acesso em: 05 de mai. de 2019.
- PLETSCH, M. D.; LIMA, M. F. C. **A inclusão escolar de alunos com autismo: um olhar sobre a mediação pedagógica**. Seminário Internacional De Inclusão Escolar: Práticas Em Diálogo, 1, Universidade do Rio de Janeiro, 21-23 out. p. 1-10, 2014. CAP-UERJ, Anais... Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: Acesso em: 02 mai. 2019.
- VEER, R. V.; VALSINER, J. Vygotsky **Uma síntese**. Tradução de BARTALOTTI, Cecília C. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2001
- VYGOTSKY, L. **A construção do pensamento e da linguagem**. Trad. Paulo Bezerra. 2.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.